



Manifestações de Junho de 2013: vivências tecnológicas e políticas na cidade de São Paulo¹²

Juliana Laet³

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP

RESUMO

O objetivo do texto é discutir a presença das tecnologias de informação e comunicação na ação política e que espaços públicos a ação constrói a partir dos novos meios de comunicação. Para esta discussão, os protestos de Junho de 2013 ocorridos em São Paulo são tomados como objeto de investigação levantando questionamentos acerca da ação e da constituição do espaço público de ação das mobilizações de junho e a relação dos manifestantes com as tecnologias de comunicação e informação que se tornam espaços públicos constituídos na ação. São exploradas, neste trabalho, as experiências dos agentes com os espaços urbanos mediados da cidade de São Paulo a partir de dados obtidos pela pesquisadora em observação participante nos protestos de junho em São Paulo e também através de questionário online publicado durante os protestos.

PALAVRAS-CHAVE: novos meios de comunicação; protestos de junho de 2013; espaço urbano; ação política.

Este texto explora as relações de participantes dos protestos de junho de 2013 na cidade de São Paulo com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) imbricadas com os espaços urbanos nesta ação política. O que muda na ação com a presença dessas tecnologias? Como os agentes as utilizam e como agem? Irei caracterizar a imbricação da mídia com os espaços urbanos da cidade demonstrando como este espaço midiático que confunde estruturas físicas da cidade com a fluidez do espaço virtual se constitui. São exploradas, neste trabalho, as experiências dos agentes com os espaços múltiplos da cidade a partir de dados obtidos através de observação participante nos protestos de junho em São Paulo e também através de respostas dadas a um questionário online publicado no Facebook na época dos protestos⁴.

¹ Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã

² Pesquisa financiada pela CAPES.

³ Estudante de Mestrado, curso de Ciências Sociais. Email: laet.juliana@gmail.com

⁴ Este texto é parte inicial da pesquisa de mestrado da autora que está em andamento.

O crescimento das cidades no Brasil, em fins do século XIX e início do XX, deve-se tanto às migrações internas no sentido campo-cidade quanto à chegada de imigrantes ao país no final do século XIX. O meio urbano só se torna o principal local de habitação da população brasileira no período de 1960-1970. Foi na contagem do Censo de 1970 que a população urbana apareceu como mais numerosa que a rural no Brasil (BRITO, 2006). As cidades aumentaram também em número de habitantes no mundo todo. A pesquisa realizada em 2014 pela ONU (UNITED NATIONS, 2014) sobre urbanização demonstra que mais de 50% da população mundial já vive em cidades. Os processos de urbanização são historicamente acompanhados por avanços tecnológicos e técnicos que modificam as relações dos habitantes da cidade com os espaços e com o tempo na cidade. Como coloca Mumford (1961), a cidade é local para o desenvolvimento de todo tipo de atividade e para a expansão das capacidades humanas. Nas cidades primitivas é possível visualizar este incremento das potencialidades humanas com a melhoria nas tecnologias de navegação e no surgimento de diversas “profissões” que exigiam certos novos conhecimentos técnicos que emergiram a partir desse estilo de vida (MUMFORD, 1961).

O desenvolvimento de novas atividades e a expansão das cidades não para. Nas cidades modernas, o potencial técnico da vida urbana é evidente. Georg Simmel (2005) destaca este aspecto da vida urbana apontando para uma das características intrínsecas a ela: a divisão de trabalho. Para o autor, cada indivíduo se especializa em diferentes atividades que a vida na cidade exige o que a constitui em um local para o desenvolvimento de diversas tecnologias ligadas a estas atividades e que mantêm o caos urbano sob controle fazendo com que seja possível viver na cidade grande. Dentre as diversas tecnologias existentes na cidade, Simmel (2005) cita o relógio de bolso que passou a ser utilizado pelos moradores da metrópole para ordenar o tempo e, assim, os corpos ali presentes. Ele surge como parte de uma vida extremamente organizada em cálculos ligados a uma intensa monetarização das relações humanas na cidade grande. É parte dessa dinâmica, surge a partir de tal estilo de vida, mas também vai ser o responsável por uma ordenação ainda mais exata da vida urbana. Para organizar o tempo e os corpos na metrópole, controlar as distâncias é essencial. Não se pode perder tempo e para isso é preciso conseguir manejar os espaços. Assim, é normal também que, mais adiante historicamente, o desenvolvimento das estradas de ferro tenham sido uma resposta ao desenvolvimento de um sistema industrial relacionado ao crescimento das cidades, o que deixou ainda mais evidente a necessidade de um sistema de telégrafo melhorado (WILLIAMS, 1990). Assim, pode-se afirmar que a invenção da fotografia, do

cinema, do telefone, do rádio, da televisão, dentre outras diversas tecnologias surgem a partir das necessidades e de costumes advindos da própria dinâmica urbana e se relacionam com a vida urbana dos moradores da metrópole. Mas ao mesmo tempo em que são resultado de necessidades e dinâmicas presentes no cotidiano das metrópoles, são também geradoras de mudanças nos hábitos urbanos, nas formas de sociabilidade e são parte constituinte da arquitetura urbana num sentido mais amplo, além de serem a representação deste estilo de vida. O que temos vivido hoje é a mobilidade e ubiqüidade das mídias nas metrópoles e isto tem nos colocado diante de novas formas de habitar a cidade (DI FELICI, 2010) e de vivenciá-la (MCQUIRE, 2008).

Nossa vida cotidiana é vivida através de diversos tipos de tecnologia e o que acontece quando passamos a perceber o mundo através delas? Perceber e sentir o mundo dessa forma não significa que nos fundimos à tecnologia, mas que nos colocamos em nosso ambiente através de sistemas tecnológicos (LASH, 2002). Isto é, Lash (2002) irá dizer que nós necessariamente navegamos através de formas tecnológicas de vida social e cultural. A sociabilidade, para ele, só existe através da máquina. Paolo Carpi gnano (1999), por sua vez, afirma que a mídia não somente medeia relações, mas percebemos e sentimos a sociabilidade através da nossa percepção tecnológica, isto é, elas constituem nossa sociabilidade. A vida cultural que vivemos é tecnológica. Para este autor os meios são formas materiais pelas quais percebemos, pensamos e definimos a realidade. As mudanças na natureza dos meios de comunicação transformam a própria natureza da comunicação e, dessa forma, as maneiras pelas quais interagimos e interpretamos as mensagens que recebemos (CARPIGNANO, 1999). Como diz Marshall McLuhan (1996), “não se trata mais de algo que fazemos, mas algo de que somos parte. O meio nos confronta [...] com toda a experiência sensorial da história da humanidade.”⁵. Assim, o meio é a mensagem (MCLUHAN, 2011) modificando, independente de seu conteúdo, nossas formas interativas. Nossa vivência tecnológica, portanto, irá ter relação direta com nossa experiência da cidade em que vivemos. Assim, as tecnologias não são somente instrumentos que utilizamos, mas são elementos que moldam nosso próprio modo de pensar, de habitar os ambientes em que estamos inseridos, ou mesmo de criar tais ambientes e, principalmente, nossa forma de agir. Com o cuidado de não interpretar o meio como aquilo que a tudo modifica e transforma, é preciso pensar em como as pessoas vivenciam essas tecnologias e o que isso traz para sua experiência.

⁵ Tradução minha para: “It is no longer something we do, but something we are part of. It confronts us [...] with all the sensory experience of the history of humanity.”

Como mencionado, o foco deste trabalho é pensar a vivência tecnológica dos agentes numa ação política específica. Quando me refiro a ação, tomo por base o conceito de ação de Hannah Arendt (2011). A ação para ela carrega um sentido de publicização do agente por meio do discurso. Isto quer dizer que agir é falar, narrar em uma condição de pluralidade, ou seja, ocorre quando o indivíduo se relaciona com outros no espaço público. Por conta da publicização e da pluralidade, a ação é a atividade política por excelência. O espaço público em que ela ocorre tem um sentido amplo, não é somente o lugar físico em que as pessoas se encontram, mas é criado na ação. Isto quer dizer que o espaço para a ação não é dado, mas se forma quando as pessoas estão agindo. Onde quer que estejam os agentes eles “são passíveis [...] de constituir mundo público” (SILVA e SILVA, 2011, p. 8). Assim, o espaço físico em que as pessoas se reúnem por si só não são espaços públicos para ação, mas as pessoas, ao estarem agindo em concerto, constituem e formam o espaço público.

Ao ser ressaltado o potencial socializante da cidade fica em evidência o fato de que ela constitui ambiente ideal para que essa condição de pluralidade ocorra e assim, para que haja ação. As manifestações de junho de 2013 ocorridas na cidade de São Paulo são encaradas como uma ação nos termos de Arendt. E a ação, como mencionado, cria espaços públicos em sua ocorrência. O espaço público arendtiano tem um sentido duplo: por um lado, ele é a polis e a ágora na polis, local físico de publicização do agente e da ocorrência da ação; por outro, é o espaço constituído pelas pessoas que se reúnem agindo e discursando. Ao pensarmos em junho de 2013, que espaços são estes que se erguem como locais de ação? Como se caracterizam?

Descrevo brevemente as manifestações de junho de 2013 ressaltando os acontecimentos mais importantes desta ação e ao final, serão retomadas as questões levantadas até então a fim de buscar não necessariamente respostas, mas possibilidades de pensá-las.

Os protestos de junho de 2013 em São Paulo foram organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL) com o intuito de pressionar os governos estadual e municipal a revogarem o aumento de 20 centavos na passagem do transporte público. O “primeiro grande ato contra o aumento da passagem” foi divulgado no blog e na página do Facebook do MPL sendo anunciado para o dia 06 de junho de 2013. O local de encontro foi o Theatro Municipal, localizado na região central da cidade. Outras manifestações se seguiram a esta com cada dia

mais adeptos. A cada novo ato, a Mídia Ninja⁶ e outros manifestantes buscaram transmitir ao vivo pela internet o que ocorria nas ruas. Relatos, fotos e vídeos sobre a repressão policial começaram a circular nas redes sociais e em outros sites da internet. A imprensa, o rádio e a televisão apontavam depredações por parte dos manifestantes e pediram ação mais enérgica da polícia e do governo (JUDENSNAIDER et al., 2013).

No dia 13 de junho, pude ver a polícia lidando com os manifestantes de forma violenta. Viaturas nos cercavam em travessas na região da baixa Augusta e também na Rua da Consolação, região central da cidade. A intenção dos manifestantes era chegar à Avenida Paulista para continuar a marcha por ela, o que foi impedido pela polícia. Em determinado momento, a polícia começou a atirar bombas de gás lacrimogêneo, dispersando os participantes do ato que buscavam se proteger. Por meio de ataques como este, a polícia desfez o ato depois de algumas horas. O saldo do dia: manifestantes e jornalistas feridos, locais depredados, sacos de lixo e objetos nas ruas foram incendiados por manifestantes que buscam formar barricadas para impedir o avanço da polícia.

A televisão noticiou os protestos do dia 13 dando atenção a jornalistas e manifestantes feridos. Na internet, participantes do protesto publicaram mais relatos e fotos sobre o que havia ocorrido nas ruas. Algumas matérias jornalísticas condenaram a violência da polícia (ASSOCIAÇÃO..., 2013). Nas redes sociais, passou-se a discutir intensamente sobre a liberdade de manifestação e a reprovação da população à ação da polícia militar começou a se tornar evidente. Muitas pessoas postaram relatos sobre sua experiência nas ruas e sobre a agressão policial que sofreram. No Twitter os discursos pela liberdade do protesto também foram replicados milhares de vezes (MALINI, 2013). Depois desta data, as discussões se intensificaram nas redes e as opiniões divergentes começaram se tornar mais visíveis. Viu-se, neste momento, que muitos passaram a apoiar os protestos e a trazer para os debates diversos outros assuntos que achavam necessário colocar em pauta nas manifestações.

O MPL criou no Facebook mais um evento para o dia 17 de junho, o “Quinto grande ato contra o aumento da passagem”. A manifestação marcada para as 17 horas no Largo da

⁶ Segundo o site da Mídia NINJA: “Somos a Mídia NINJA Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa.” (MÍDIA NINJA, [201-]a). Ainda “A Mídia NINJA surge em março de 2013, com o objetivo de realizar uma disputa de sentidos e imaginários na comunicação brasileira. [...] A partir de junho de 2013, vieram os protestos e a Mídia NINJA se concentrou na cobertura e transmissão ao vivo desses protestos, manifestações e ações dos movimentos sociais e culturais brasileiros.” (MÍDIA NINJA, [201-]b).

Batata em Pinheiros teve enorme repercussão e uma multidão saiu às ruas. Atos em Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e diversas outras cidades do Brasil foram organizados para o mesmo dia e horário. Em São Paulo, ficou claro que as pessoas levaram às ruas as discussões virtuais em torno das mais diversas pautas. Vi cartazes diversos: pela educação, pela saúde, contra a corrupção, com as frases “saímos do Facebook” ou “é tanta coisa que nem cabe nesse cartaz”. Diferente dos atos de até então, os manifestantes eram bem diversos, vi pessoas fantasiadas, crianças, idosas e muitos jovens. A “cara” do protesto havia se transformado.

Durante os protestos, na rua, o acesso à internet e a comunicação pelo celular era um pouco difícil, as ligações não se completavam e o envio de mensagens de texto falhava. Em alguns locais era possível acessar a internet utilizando redes que foram propositalmente deixadas abertas por moradores da região (LIBERE..., 2013). Um dos pontos altos do protesto deste dia foi quando a multidão, ao andar pela Avenida Brigadeiro Faria Lima, viu-se projetada num enorme prédio espelhado. Pessoas gritaram extasiadas. Bateram palmas para si mesmas, tiraram fotos, fizeram vídeos. No dia 17, o protesto foi em sua maior parte, nesta região, pacífico, com poucos focos de conflitos. Em outros locais da cidade, houve tumulto mais direto entre manifestantes e policiais. Ocorreram alguns conflitos na região da Paulista e do Palácio dos Bandeirantes quando manifestantes tentaram invadi-lo. No dia 19, o prefeito paulistano Fernando Haddad e o governador do estado Geraldo Alckmin anunciaram a revogação do aumento (JUDENSNAIDER et al., 2013).

O MPL chamou um último ato no dia 19 de junho em que muitos conflitos ocorreram. Cheguei ao ato quando ele já se encontrava próximo à intersecção entre a Avenida Paulista e Av. Brigadeiro Luís Antônio. Reuni-me à multidão entrando no cordão feito por militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) que estavam sendo atacados por manifestantes furiosos. Consegui sair dali rapidamente e de fora pude ver manifestantes arrancando das mãos dos militantes do PT suas bandeiras, queimando-as e ainda presenciei agressões e brigas. Era visível que os debates antes realizados na internet – se as pessoas deveriam ou não levar bandeiras de partidos para os atos⁷ – havia sido transportado para as ruas.

Após estes conflitos e a revogação do aumento da passagem, militantes ligados a partidos políticos de esquerda e o MPL se retiraram dos atos. Outros foram organizados ainda com outras pautas. Mas com o tempo, os atos se tornaram esparsos. A descrição deles neste

⁷ Este debate estava presente na página do evento do Facebook “Quinto grande ato contra o aumento da passagem” organizado pelo MPL. A página não existe mais, o endereço original era: < www.facebook.com/events/134020393411587>. Acesso em 17 jun. 2013.

texto termina aqui. Em dois dias, 17 e 24 de junho, foi feito contato com participantes dos protestos para tentar conhecer suas experiências e refletir sobre novas formas de ação política em ambientes urbanos que estão em imbricação com as tecnologias de informação e comunicação.

Nos dias 17 e 24 de junho, divulguei na internet, através do meu próprio Facebook e em páginas dos eventos dos Atos do MPL na internet, um questionário bem breve com três questões: (i) Como você ficou sabendo das manifestações de junho de 2013 (amigos, TV, redes sociais, etc.)? (ii) Qual foi sua reação inicial (buscou saber mais, envolveu-se, não se interessou)? (iii) Que grau de envolvimento teve (foi às manifestações, posicionou-se na internet, não se envolveu)? 52 pessoas responderam o questionário⁸. Este passo inicial foi tomado com a ideia de adquirir uma visão mais geral sobre a relação das pessoas com os protestos. Estas pesquisas online através de questionário são usualmente utilizadas com este propósito (KOZINETS, 2010).

O questionário mostrou que, como esperado, mais de 85% dos informantes (45 de 52), souberam dos protestos pela internet e, mais especificamente, nas redes sociais. Este contato inicial por este meio de comunicação serviu de impulso para uma participação mais enfática. Muitos declararam terem se envolvido mais profundamente imediatamente após terem sabido do que acontecia pelo Facebook ou Twitter. Neste primeiro momento, vemos a internet como o meio que comunica, ou seja, o meio em seu modo mais clássico. Mas há aí um elemento a mais. A internet além de comunicar e informar de maneiras diferentes permite ao participante produzir conteúdo sobre sua vivência e isso faz com que ele se sinta um elemento importante na ação. A ação é movida pela esperança de que ganhe visibilidade e assim faça com que outras pessoas também se movam. Através desse compartilhamento, o indivíduo acredita na possibilidade de mudança. Se na TV ele não tem a possibilidade de divulgar o conteúdo que mais acha interessante, a internet lhe abre essa oportunidade. Alberto Melucci (1997) menciona que essa habilidade de produzir conteúdo faz com que cada pessoa se imagine como um projeto social em curso e tendo cada vez mais possibilidade de representar e perceber a própria ação. Postar fotos, contar suas histórias, dar sua opinião, ir para as ruas pode ser pensando como o agir e o discursar que, segundo Arendt, desemboca na criação do espaço público.

⁸ Já mais avançada a pesquisa, as pessoas que responderam o questionário foram contactadas e entrevistadas pela pesquisadora, porém, estes dados não serão expostos aqui. Neste espaço, direciono minhas análises às respostas obtidas com o questionário.

Mas o que significava ter um “envolvimento imediato” como escreve uma das pessoas em sua resposta? Quando questionadas sobre seu envolvimento, muitos citaram a internet e as redes sociais como locais em que se posicionaram politicamente. Mesmo que nem todos tenham ido de fato às ruas – 34 de 52 pessoas foram às ruas e compareceram aos protestos – muitos apontaram que seu envolvimento era através da internet, compartilhando fotos, vídeos e outros posts e se posicionando politicamente. Algumas pessoas mencionaram as longas distâncias a serem percorridas na cidade de São Paulo como um impedimento para que pudessem comparecer aos protestos. Mesmo assim, se sentiram impelidas a dar suporte aos que estavam nas ruas através da internet, postando informações que chegavam a elas pelas ferramentas de compartilhamento nas redes sociais.

Para aquelas pessoas que não viviam em São Paulo, a experiência dos paulistanos, compartilhada nas mídias sociais, serviu de estímulo para que pudessem sair de suas casas e tomar as ruas em suas próprias cidades. Ainda, estar em outra cidade ou não poder estar fisicamente presente não os impediu de mostrar apoio ao movimento ou se posicionar politicamente. Scott McQuire (2008) coloca que o espaço relacional da cidade em que as TICs são ubíquas permite que cada indivíduo tenha uma experiência subjetiva da cidade a partir dos meios de comunicação. Assim, pode-se dizer que através de seu computador ou *smartphone*, a casa, o sujeito, são nós que se conectam com outros nós tecnológicos formando uma imensa rede de atores agindo no espaço público midiado. A presença ubíqua das mídias na cidade permite a ação à distância o que faz com que seja possível experienciar situações sem estar corporalmente presente.

Nos protestos de junho, vemos que o acesso amplo à tecnologia na cidade permitiu a criação de espaços públicos de ação dentro da própria internet. Espaços estes que estavam em imbricação com os espaços físicos da cidade durante a ação já que as pessoas habitam e transitam por estes múltiplos espaços. O espaço, nas mobilizações ocorridas em junho, tem alguns diferentes sentidos: o espaço físico da cidade mídia no qual os agentes se colocam fisicamente (e que é um espaço de relações imbricado com as TICs); e o espaço público que, no sentido arendtiano, é o espaço onde as pessoas se reúnem e que é constituído pelos agentes durante a ação.

O espaço da cidade mídia (*media city* – McQuire, 2008) é um ambiente dinâmico que, assim como o ambiente urbano, sofre modificações constantemente. Na cidade mídia (*media city*) as tecnologias de informação e comunicação estão imbricados com os espaços urbanos físicos das cidades. A cidade, assim, não é somente o espaço físico que a delimita, suas

estruturas arquitetônicas e de transporte e outras infraestruturas tipicamente urbanas. O espaço urbano é também um espaço de relações, de experiências e sensações (HANDLYKKEN, 2013). Ou, como colocaria McQuire (2008: IX), um “espaço relacional” (*relational space*) em que a experiência e a vivência na metrópole são refeitas subjetivamente através das tecnologias com as quais as pessoas interagem e que estão presentes no espaço urbano. O espaço relacional tem a ver com a mobilidade das tecnologias de mídia na cidade que permitem que as pessoas tenham uma experiência individual e subjetiva de habitar a cidade e agir nela. A presença ubíqua das mídias em imbricação com o as estruturas urbanas causam um certo estranhamento em nós quando tentamos lidar com os espaços e localidades e também nossa noção de pertencimento, de presença e de participação (MCQUIRE, 2008).

O que é estar num protesto? É somente sair às ruas? O que é participar de uma ação coletiva ou construí-la? Temos uma certa dificuldade hoje de definir claramente em que ambientes as situações ocorrem, se é no público, no privado, dentro ou fora de casa, do escritório, ou outros espaços da cidade. Através da tecnologia passamos a ter a possibilidade de vivenciarmos certos acontecimentos que antes só poderiam ser vivenciados em locais públicos específicos. McLuhan (2005) considera que os meios podem se constituir enquanto ambientes (*environments*). Para ele, “qualquer nova tecnologia, qualquer extensão ou ampliação das faculdades humanas quando toma forma material, tende a criar um novo ambiente⁹” (MCLUHAN, 2005, p. 84). A TV já havia nos introduzido essa possibilidade nos levando a estes ambientes (CARPIGNANO, 1999). E que novidades traz a internet? Ela possibilita a criação do espaço público pelos próprios agentes. Este espaço, que antes era dado pela televisão, é agora criado por quem age. A ação é um constante teste e vai se fazendo a partir de novas histórias e vivências dos agentes que estão em contato com as TICs. Assim, como agir permite a criação do espaço público, nós o exploramos constantemente. Ao agirmos e constituirmos o meio de comunicação como espaço público vamos descobrindo aos poucos os alcances que ele tem, seus significados e como as pessoas que o utilizam vivenciam as experiências da ação política dentro dele.

Ao pensarmos na constituição dos espaços através da ação das pessoas notamos que a experiência política nas cidades mídia ocorre quando as pessoas transformam espaços midiáticos constituindo-os em ambientes de ação. Ao estarem conectadas nesta enorme teia de relações (ARENDDT, 2011) através dos meios de comunicação, elas se sentem parte de algo,

⁹ Tradução da autora para: “Any new technology, any extension or amplification of human faculties when given material embodiment, tends to create a new environment”.



sentem-se pertencentes àquela movimentação que ocorre na cidade em que habitam. Mesmo não estando fisicamente presentes, muitos julgaram que apoiar o movimento em suas redes sociais era importante. Daí a criação, por exemplo, de eventos no Facebook pedindo a quem morasse nas regiões em que os protestos ocorreram para liberarem o acesso à rede de conexão sem fio, ou eventos pedindo que as pessoas declarassem seu apoio à causa de casa mesmo, colocando lençóis brancos nas janelas. As novas possibilidades e formas de agir nestes novos espaços públicos midiáticos que são constituídos na ação nos trazem diversos desafios em relação a como pensar a ação política e sua forma.

É importante deixar claro que consideramos os meios de comunicação algo que emerge de dentro da sociedade (PAIT & SALES, 2014). Ou, como coloca Raymond Williams (1990), as tecnologias são desenvolvidas a partir de necessidades que já estão presentes na sociedade e que fazem parte da vida urbana. Porém depois que o meio começa a ser utilizado, é difícil prever quais são seus resultados e seus efeitos. Eles nos repõem dilemas (PAIT & SALES, 2014) que devem ser pensados a partir das novas dinâmicas que seus diferentes usos criam. Como vimos, no breve histórico de lutas sociais que apresentamos, os movimentos sociais e ações coletivas ocorridos nos espaços urbanos, foram se transformando com o tempo. Não somente em relação aos seus objetivos e demandas, mas também em relação à sua forma de luta e aos sujeitos dessas lutas. Hoje estamos diante de alguns dilemas sociais redesenhados através dos novos meios de comunicação e, por conta disso, debruçamo-nos sobre discussões acerca dos papéis que os meios de comunicação têm na ação política. Tais dilemas demandam ainda investigações adicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. A condição humana. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

ASSOCIAÇÃO de jornais condena a ação da PM. **Estadão**. Notícias. São Paulo: 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,associacao-de-jornais-condena-acao-da-pm,1042435,0.htm>>. Acesso em 30 mar. 2014.

BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Estudos Avançados [online]**, v. 20, n. 57, 2006. pp. 221-236. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200017>>. Acesso em 25 out. 2014.

CARPIGNANO, P. The Shape of the Sphere: The Public Sphere and the Materiality of Communication. **Constellations**, vol. 6, n. 2, 1999. pp. 177-189.



DI FELICE, M. Paysages post-urbains: la fin de l'expérience urbaine et les formes communicatives de l'habiter. **Sociétés**, 2010/3. p. 25-40. Disponível em: <www.cairn.info/revue-societes-2010-3-page-25.htm>. Acesso em 11 dez. 2014.

HANDLYKKEN, A. K. Digital Cities in the making: exploring perceptions of space, agency of actors and heterotopia. **Ciberlegenda**, n. 25, 2011. pp. 22-37. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/492/287>>. Acesso em 05 mar. 2014.

JUDENSNAIDER, E. et al. **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2013.

LASH, S. **Critique of information**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 2002.

LIBERE seu wi-fi e senha durante as manifestações. **Catraca Livre**. Cidadania. São Paulo: 16 jun. 2013. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/libere-seu-wi-fi-e-senha-durante-as-manifestacoes/>>. Acesso 20 mai. 2014.

MALINI, F. A Batalha do Vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags. **Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic)**, São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>>. Acesso em 27 fev. 2014.

MCLUHAN, M. Channeling McLuhan: the Wired interview with the magazine's patron saint. **Wired**, n. 4.01 [online], jan. 1996. Entrevista concedida a Gary Wolf. Disponível em: <http://archive.wired.com/wired/archive/4.01/channeling_pr.html>. Acesso em 04 dez. 2014.

_____. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

MCQUIRE, S. **The media city: media, architecture and urban space**. Melbourne: SAGE Publications, 2008.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação [online]**, Rio de Janeiro, n. 05-06, dez. 1997. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jul. 2014.

MÍDIA NINJA. **History**. [201-]a. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/history>>. Acesso em 10 out. 2013.

MÍDIA NINJA. **Quem somos**. [201-]b. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em 10 out. 2013.

MUMFORD, L. **The City in History**. London: Penguin Books, 1961.



PAIT, H.; SALES, R. O jagunço eletrônico: patrimonialismo, mídia e democracia no Brasil. In: SIMIS, A., et al. **Comunicação, cultura e linguagem: desafios contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 191-212.

SILVA, R. G. D. A.; SILVA, N. G. A. A recuperação da política: ação e espaço público segundo Hannah Arendt. **Griot - Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 3, n. 1, jun. 2011. Disponível em:< <http://www.ufrb.edu.br/griot/downloads/vol-03-n/23-a-recuperacao-da-politica-ao-e-espao-pblico-segundo-hannah-arendt/download>>. Acesso em 27 jul. 2014.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana [online]**, v. 11, n. 2, 2005. pp. 577-591. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext>. Acesso em 10 out. 2013.

UNITED NATIONS. **World Urbanization Prospects: The 2014 Revision, Highlights**. New York: United Nations, 2014. Disponível em:< <http://esa.un.org/unpd/wup/Highlights/WUP2014-Highlights.pdf>>. Acesso em 22 jan. 2015.

WILLIAMS, R. The technology and the society. In: WILLIAMS, R. **Television: technology and cultural form**. 2. ed. ed. London: Routledge, 1990. p. 3-25.